



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS
LINCENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

DARLEI CASTRO DA SILVA

**A POÉTICA DA AMAZÔNIA TRÁGICA EM CHOVE NOS CAMPOS DE
CACHOEIRA DE DALCÍDIO JURANDIR**

SANTARÉM-PA

2023

DARLEI CASTRO DA SILVA

**A POÉTICA DA AMAZÔNIA TRÁGICA EM CHOVE NOS CAMPOS DE
CACHOEIRA DE DALCÍDIO JURANDIR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Letras, da Universidade
Federal do Oeste do Pará-UFOPA, para a
obtenção do título de Licenciado em Letras.
Orientadora: Prof.^aDr.^a Terezinha de Jesus Dias
Pacheco.

SANTARÉM-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- S586p Silva, Darlei Castro da
A poética da amazônia trágica em Choves nos Campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir / Darlei Castro da Silva. – Santarém, 2024.
33 p.
Inclui bibliografias.
- Orientação: Terezinha de Jesus Dias Pacheco.
Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Português e Inglês.
1. Literatura amazônica - História e Crítica. 2. Romance brasileiro. 3. Oralidade. I. Pacheco, Terezinha de Jesus Dias, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 869.909

DARLEI CASTRO DA SILVA

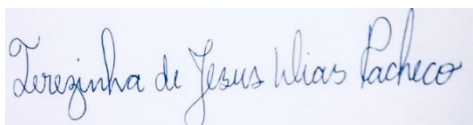
**A POÉTICA DA AMAZÔNIA TRÁGICA EM CHOVE NOS CAMPOS DE
CACHOEIRA DE DALCÍDIO JURANDIR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Programa de Letras, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras, pela Universidade
Federal do Oeste do Pará – UFOPA,
Instituto de Ciências da Educação

Conceito: 10,0

Aprovado em 15/12/2023

BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Dr.^a Terezinha de Jesus Dias Pacheco -Orientadora – UFOPA
Universidade Federal do Oeste do Pará

Documento assinado digitalmente
gov.br Joel Cardoso da Silva
Data: 16/12/2023 06:40:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.Dr. Joel Cardoso da Silva– UFPA Membro Externo
Universidade Federal do Pará

Documento assinado digitalmente
gov.br ODENILDO QUEIROZ DE SOUSA
Data: 16/12/2023 09:01:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa – UFOPA Membro Interno
Universidade Federal do Oeste do Pará



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 15 dias do mês de dezembro de 2023, às 8:30 horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, em sala virtual, via plataforma de conferência virtual, acessado por endereço eletrônico criado para este fim, reuniu-se a Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras para realização da arguição do trabalho de conclusão de curso do(a) aluno(a) Darlei Castro da Silva, matrícula 201600027, intitulado A POÉTICA DA AMAZÔNIA TRÁGICA EM CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA DE DALCÍDIO JURANDIR, sob a orientação do Prof^ª. Dr^ª. Terezinha de Jesus Dias Pacheco, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi constituída pelo(a) professor(a) orientador(a) citado(a), Presidente desta Banca, e pelos(as) Prof. Dr. Joel Cardoso da Silva da Universidade Federal do Pará e Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa da Universidade Federal do Oeste do Pará. A banca deliberou pela (X) aprovação () reprovação do TCC, resultando na nota **10,0** A banca considerou que:

() Não são necessárias revisões.

(X) São necessárias revisões quanto à forma, conforme as observações apontadas.

() São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e revisão final feita pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.

() São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e reavaliação do trabalho pela banca e pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.

Fica acordado que a nota **10,0** está condicionada a entrega final do trabalho, no prazo máximo de **10 dias úteis** a partir desta data e o mesmo deverá contemplar as observações da Banca Examinadora. Proclamados os resultados pela Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Prof^ª Dr^ª Terezinha de Jesus Dias Pacheco, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor do trabalho e pelos membros da Banca Examinadora.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

Santarém, 15 de dezembro de 2023.

Terezinha de Jesus Dias Pacheco
Orientador: Prof.^a Dr.^a Terezinha de Jesus Dias Pacheco

Documento assinado digitalmente

gov.br

Joel Cardoso da Silva
Data: 16/12/2023 06:40:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avali:

gov.br

Documento assinado digitalmente

ODENILDO QUEIROZ DE SOUSA
Data: 16/12/2023 09:01:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

la Silva

Avaliador 2: Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa

Darlei Castro da Silva

Autor: Darlei Castro da Silva



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

PARECER DESCRITIVO DA BANCA

Orientador(a): Profª. Drª. Terezinha de Jesus Dias Pacheco

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Joel Cardoso da Silva

Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa

Orientando/Autor: Darlei Castro da Silva, matrícula 201600027

Título do Trabalho: A POÉTICA DA AMAZÔNIA TRÁGICA EM CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA DE DALCÍDIO JURANDIR

Parecer: O texto cumpre as exigências científicas de um trabalho de conclusão de curso

Local da Defesa: conferência web

Nota atribuída: 10,0

Data da defesa: 15 de dezembro de 2023, às 08:30h

Assinaturas:

gov.br

Documento assinado digitalmente

Joel Cardoso da Silva
Data: 16/12/2023 06:32:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Banca Examinadora (avaliador 1): _____

gov.br

Documento assinado digitalmente

ODENILDO QUEIROZ DE SOUSA
Data: 16/12/2023 14:26:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Banca Examinadora (avaliador 2): _____

Banca Examinadora (orientador): _____

Terezinha de Jesus Dias Pacheco

A POÉTICA DA AMAZÔNIA TRÁGICA EM CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA DE DALCÍDIO JURANDIR

Darlei Castro da Silva¹

Terezinha de Jesus Dias Pacheco²

Resumo: o objetivo principal desse trabalho foi traçar uma poética da Amazônia trágica na obra “Chove nos Campos de Cachoeira” de Dalcídio Jurandir. A proposta de pesquisa foi mergulhar intensamente nesse romance para realizar uma leitura que pudesse dar conta dos aspectos culturais, já que, toda literatura da Amazônia é telúrica e isso vai refletir o seu meio ambiente. É importante ressaltar que toda essa literatura é oral. A oralidade marca profundamente a obra “Chove nos Campos da Cachoeira. Além disso, temos a questão da forte carga psicológica no romance que é responsável por amalgamar o íntimo das personagens com a sua realidade externa, com o meio cultural onde elas viviam. Há momentos que o pensamento se traduz na realidade. Parece que o pensamento é o cenário amazônico que todo personagem incorpora. Essa pesquisa se apoiou teoricamente em Paes Loureiro, José Freire e Dalcídio Jurandir. O que se pode concluir é que “Chove nos Campos de Cachoeira” é um romance modernista que rompe com a estrutura de herói. Existem protagonistas que são também antagonistas em várias circunstâncias. Todas as lutas são inglórias. A grande vitória é da poética trágica. A Amazônia é trágica e seus personagens dão conta de viver essa tragicidade. Tudo na obra é muito complexo. A trama é muito bem tecida. E como se cada personagem passasse o fio da desgraça para cada um e os que recebessem dissessem: chovem e derramam melancolia.

Palavras-chave: Literatura da Amazônia; Oralidade; Cultura.

¹Discente do Curso de Letras do Instituto de Ciência da Educação-ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará. Matrícula 201600027, e-mail: darleicastro@icloud.com, celular: (93)99114-7983.

² Prof^a. Dr^a. Orientadora do Programa de Letras, do Instituto de Ciências da Educação-ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: terezinha.pacheco@ufopa.edu.br, celular: (93)99102-0405.

THE POETICS OF THE TRAGIC AMAZON IN RAIN IN THE CACHOEIRA FIELDS BY DALCÍDIO JURANDIR

Darlei Castro da Silva³

Terezinha de Jesus Dias Pacheco⁴

Abstract: the main objective of this work was to outline a poetics of the tragic Amazon in the work “Chovenos Campos de Cachoeira” by DalcídioJurandir. The research proposal was to delve intensely into this novel to carry out a reading that could take into account the cultural aspects, since all literature from the Amazon is telluric and this will reflect its environment. It is important to emphasize that all this literature is oral. Orality deeply marks the work “Chovenos Campos da Cachoeira. Furthermore, we have the issue of the strong psychological charge in the novel, which is responsible for merging the characters' innermost lives with their external reality, with the cultural environment in which they lived. There are moments when thought translates into reality. It seems that thought is the Amazonian setting that every character embodies. This research was theoretically supported by Paes Loureiro, José Freire and DalcídioJurandir. What can be concluded is that “Chovenos Campos de Cachoeira” is a modernist novel that breaks with the hero structure. There are protagonists who are also antagonists in various circumstances. All fights are inglorious. The great victory is of tragic poetics. The Amazon is tragic and its characters are capable of experiencing this tragicity. Everything in the work is very complex. The plot is very well woven. It's as if each character passes the thread of misfortune to each one and those who receive it say: a waterfall of sadness is raining in our lives. Everything is sorrow! Everything is water that spills melancholy.

Keywords: Amazonian Literature; Orality; Culture.

³ Discente do Curso de Letras do Instituto de Ciência da Educação-ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará. Matrícula 201600027, e-mail: darleicastro@icloud.com, celular: (93)99114-7983.

⁴ Prof^a. Dr^a. Orientadora do Programa de Letras, do Instituto de Ciências da Educação-ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: terezinha.pacheco@ufopa.edu.br, celular: (93)99102-0405.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A LITERATURA DALCIDIANA DA AMAZÔNIA É ORAL E CULTURAL.....	13
3. PENSAMENTO E PAISAGEM AMAZÔNICOS NUMA SÓ LINGUAGEM.....	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
5. REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

A nossa literatura da amazônica ainda apresenta mistérios que precisam ser desvendados. A cada pesquisa temos descobertas tão imensuráveis que não cabem, em toda sua totalidade, dentro um trabalho acadêmico. Mas podemos mostrar, sim, um pouco dessa grandeza poética. No caso do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, existe uma Amazônia que se reflete na alma das pessoas que habitam essa região. Paisagem e a psique dos amazônidas estão amalgamados. Não podem ser separados. É a poética da Amazônia Trágica.

Diante da paisagem – como unidade significativa da natureza capaz de impregnar a alma de uma emotividade espontânea – o homem da Amazônia, o caboclo experimenta um estado de sensibilidade aflorada, que se confunde com o estado poético. É força de uma paisagem entronizada na alma amazônica, e que realimenta liricamente(Loureiro, 2001, p.135).

Por esse motivo, faz-se necessário conceituar a poética da Amazônia trágica a partir da obra “Chove nos campos de cachoeira” de Dalcídio Jurandir, já que é um tema que precisa ser melhor lido, explorado, analisado e criticado.

A função estética está relacionada com coletividade, por meio da cultura. Sendo assim, e na relação entre a coletividade e o mundo que deveremos buscar a emergência dessa importante função. Está certo Mukarowsky quando, ao analisar a beleza da paisagem, afirma: “A natureza, por si própria, é um fenômeno extra artístico enquanto não é transformada pela ação do homem movido de afã estético. Apesar disso, a paisagem pode produzir o mesmo efeito que uma obra de arte”. Em uma qualidade dinâmica, a função estética mantém uma relação distintiva na organização da vida na Amazônia. Além de ter estabelecido uma especificidade entre a cultura urbana e a cultura ribeirinha, marcou também a diferença em face do processo de migração sendo expressão de uma sociedade ribeirinha e peculiar, é possível que desestruturação da sociedade amazônica, que ao longo de tantas décadas gerou essa cultura estetizante, venha a comprometê-la definitivamente. Perdendo as características que a levaram a privilegiar a função poética, tenderá, como consequência a desestruturar essa modalidade rara de expressão cultural ainda persistente na Amazônia(Loureiro, 2001, p.135).

Outra questão bem importante, é que na prática da escrita de Dalcídio a literatura da Amazônia apresenta características orais, ou seja, a escrita da literatura amazônica é pautada na oralidade. O autor em um trabalho meticuloso registrou uma oralidade que carregasse em seu âmago a poética da Amazônia trágica, mostrando os elementos que a compõe e toda a sua tragicidade.

Também, nessa obra dalcidiana ressalta-se o perfil do caboclo marajoara, enfatizando a sua cultura e o seu modo de viver numa Amazônia que produz drásticas condições de vida, porque eram e são abandonados à própria sorte.

Quando Dalcídio desenvolve a narrativa o isolamento das personagens é tão forte que toda movimentação é feita a partir dos pensamentos. É lá que tudo acontece. É lá que as personagens vão vivendo as suas experiências, as suas aventuras, as suas desgraças, os seus encontros e desencontros.

Existe uma Amazônia literária contada por vários autores da Amazônia e de outras regiões. Temos, então, Inglês de Sousa com os seus *Contos Amazônicos*, Alberto Rangel, que escreveu *Inferno Verde*, Euclides da Cunha, com a sua obra *À Margem da História*, Ferreira de Castro com seus livros *A Selva* e *Instinto Supremo*, Dalcídio Jurandir com o seu "Ciclo do Extremo Norte", Márcio Sousa e suas obras *Mad Maria* e *Galvez, Imperador do Acre*. Cada um desses autores construiu uma Amazônia literária. Entretanto, a Amazônia de Dalcídio Jurandir, não apresenta esse verde das árvores e florestas que os demais, em sua maioria descrevem. Não é uma paisagem paradisíaca a que aparece em *Chove nos Campos de Cachoeira*. Não é mesmo.

A cultura é transpassada pela dor, pelo choro, pelas doenças, pelas desgraças, pela desesperança, pelo isolamento e pela morte. E o que consegue ser verbalizado é o que representa a Amazônia Marajoara. Um espaço amazônico antes muito introspectivo, muito íntimo, muito psicológico, porque vivido na prática de cada marajoara. Dalcídio Jurandir é quem expõe essa Amazônia para a literatura, já que os marajoaras careciam de uma voz que clamasse no deserto daquela região, o que era viver e morrer na Ilha do Marajó. É uma voz cabocla que aparece em seus romances. É a voz oral que consegue dar conta de tudo que acontece naquele lugar. É sobre essa oralidade que esse trabalho se propõe a discorrer. E nessa oralidade está contida toda cultura marajoara. Nisto consiste o projeto literário desse autor paraense, ainda muito desconhecido.

O caso do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), nascido em Vila de Pedras, na ilha do Marajó, Pará, pode ser considerado exemplar de como uma obra consistente, com um projeto literário bem delineado e de amplo alcance pode ser ignorada pelos leitores. Esse romancista que criou uma obra tão forte na representação dos dramas de seus personagens ribeirinhos, em geral de condição humilde, mulatos isolados em pequenas vilas, e com a utilização consistente de uma linguagem tocada por expressivos termos regionais, é praticamente desconhecido dos leitores brasileiros, apesar do esforço de alguns estudiosos de sua obra (FREIRE, 2026, p. 86).

Um dos nossos intuítos foi esse de ler e conhecer a obra de Dalcídio Jurandir e sempre que pudermos, fazer uma divulgação do seu romance *Chove nos Campos de Cachoeira*. Não existe uma preocupação em viabilizar o acesso às obras dalcidianas. Daí a necessidade de se pensar formas de começar a divulgar essa obra e não somente divulgar, mas também promover a leitura e tentar fazer a sociedade ler Dalcídio Jurandir.

Todos os elementos da cultura do Marajó vão sendo apresentados, à medida que os fatos vão sendo narrados. Além disso, pensamento e linguagem enquanto faces da mesma moeda, manifestam-se em um fenômeno literário único e intrinsecamente característico da obra de Dalcídio Jurandir.

Todo o artigo é um mergulho nesses aspectos que, de forma singular caracterizam a poética da Amazônia trágica no romance *Chove nos Campos de Cachoeira*.

2 A LITERATURA DALCIDIANA DA AMAZÔNIA É ORAL E CULTURAL

Quando estudamos a obra “Chove nos Campos de Cachoeira”, percebemos que ela é uma escrita telúrica, porque traz em sua essência toda cultura dessa fascinante região. E traz uma marca fortíssima da oralidade. Principalmente se a narração literária teve inspiração na zona rural.

No espaço rural, em especial o ribeirinho, a cultura mantém muito da sua expressão genuína, ou seja, uma cultura que reflete valores e práticas que estão intimamente relacionados à tradição oralizada. Esta cultura reflete de forma bem entrelaçada a relação do homem com a natureza e isso é revelado no imaginário dos moradores da Amazônia.

A cultura do mundo rural de predominância ribeirinha constitui-se na expressão aceita como a mais representativa da cultura amazônica, seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes. Aquela em que podem ser percebidas, mais fortemente, as raízes indígenas e caboclas tipificadoras de sua originalidade, florescente ainda em nossos dias. (Loureiro, 2001, p. 65)

Dalcídio mergulha profundamente nessas raízes amazônicas e nos dá a impressão de que as pessoas que moram em Cachoeira, que é o espaço literário do romance, viveram uma realidade, especificamente, típica da Ilha do Marajó. Ele é muito realista. É uma Amazônia totalmente diferente daquela em que as pessoas retratam como o Eldorado. É uma região de realidades nuas e cruas.

E essas realidades são reveladas pela comunicação, que nesse lugar é feita por meio da oralidade. Tudo que os moradores vivem experimentam através da oralidade.

A cultura da Amazônia impressa na obra “Chove nos campos de cachoeira” é muito vasta e genuína. Dalcídio parte de sua origem, de seu lugar e de sua gente. Constrói uma poética da relação mediada entre o espaço geográfico, espaço cultural e espaço literário. Os três espaços são embricados de maneira que não se pode separá-los. Tudo vira cultura e oralidade.

Vemos então que um dos costumes culturais são as conversas noturnas entre os moradores.

Alfredo ouve a explicação, meio sonolento. Quando está em sua rede, à noite, sempre ouve os dois conversarem, e a conversa toma um ar de misteriosas histórias e, depois, um ar de histórias que eles contassem para o adormecer. Dona Amélia pouco fala. Sua voz vai para o quarto naquele mesmo tom com que pediu a ele que não contasse a história do poço (Jurandir, 2019, p. 26).

Alfredo, uma das personagens principais do romance, era um garoto cheio de feridas, então sua mãe, para curá-lo, usava remédios caseiros, já que em Cachoeira não havia médicos, ou mesmo posto de saúde para se tratar de alguma doença. Quando alguém precisava de tratamento tinha que ir para Belém, onde tinham médicos e hospitais para fazer o tratamento adequado. Remédios caseiros faziam

parte daquela cultura. Vejamos como D. Amélia, mãe de Alfredo curava as suas feridas.

Quando sua mãe aparecia com a cuia e o algodão para lavar as feridas, Alfredo se amolecia na rede num quase desejo de morrer, morrer devagarinho com o braço de sua mãe sobre a cabeça. Aquilo que era também da febre. Mas de súbito um ímpeto de chorar alto, de gritar para espantar aquele desejo sem forma. Vontade de bater o pé para a mãe, embrulhar-se na rede, repelindo o curativo, não queria nada. D. Amélia nascera com aquelas mãos para tratar feridas. (Jurandir, 2019, p. 27)

As mães de Cachoeira tinham que ser versadas em remédio caseiros e curar seus filhos acreditando que os unguentos eram a salvação deles, se não para curar, mas ao menos para sanar dores, coceiras, gripes, febres e toda sorte de doenças a que estavam expostas as pessoas daquele lugar. É uma parte da Amazônia muito isolada e desprezada pelo poder público. Fazia parte da cultura do povo daquele lugar os remédios, as abluções, as rezas curandeiras e outras práticas para espantar doenças. Todos esses costumes eram passados de mãe para filho pela via oral. Então todo conhecimento cultural era repassado pela oralidade.

A prostituição era outra prática muito comum na Cachoeira. Eutanázio é um personagem que se envolve com uma prostituta. Não consegue amar ninguém de verdade. Se entregava a esse vício, mesmo sabendo dos perigos das doenças venéreas ou de qualquer outro tipo de doença. As desgraças da alma se arrastavam através das desgraças do corpo e das circunstâncias da vida.

Tomou o rumo de Felícia. Uma mulher que cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois chuva. A fome. Fedia a fome. Estava descalça, gripada, assoando o nariz, no fundo do quartinho, onde tinha na parede, uma estampa de Nova Iorque. Um pote de d'água destampado, um caneco jogado no chão, um pedaço de esteira e um cachorro espiando pela porta. A lamparina era como a língua do cachorro com fome ou sede. Quem teria dado a Felícia aquela estampa de Nova Iorque? Os arranha-céus cresciam dentro do quartinho escuro e sujo. A língua da lamparina dava aos arranha-céus uma cor apocalíptica (Jurandir, 2019, p. 35).

Nessa citação sobre a condição prostituída de Felícia percebemos como o interior da casa era constituído. Uma casa muito desarrumada, anti-higiênica, totalmente desarrumada. O interior da casa reflete muito o interior da personagem,

que é uma pessoa cheia de doenças, magra, passa fome, não tem quase roupa para vestir, até porque na profissão que exerce nem precisa de muita roupa. Seu íntimo é assim, sem objetivo na vida, sem propósito, sem carinho, sem atenção, sem amor, sem cuidados que todo ser humano precisa ter. Ela era apenas um farrapo humano. Vazia por dentro, porque a única coisa que as pessoas faziam era usar o seu mísero corpo. Uma mulher que cheirava a poeira. Essa era uma das realidades de Cachoeira. Considerando isso, a poética em *Chove dos campos de cachoeira* é sempre trágica, é muito trágica. Nada nesse romance inspira esperança, somente tristeza. O que chove são lágrimas sobre a vida que cada um leva. Chove muitas lágrimas sobre os campos de Cachoeira. É uma cachoeira de lágrimas. É a cultura da tristeza.

Outra questão cultural presente era a péssima educação praticada em Cachoeira. O único professor era uma criatura muito abominável. Dizia ele aos alunos:

– Em matéria de educação sou intransigente. Sou intransigente! Se todos os professores fossem como eu não havia mais analfabetos no Brasil. O analfabetismo, saibam, é um flagelo social! É pior que o cólera, o tifo, a escarlatina...

Engasgava. Gostava sempre de se referir a doenças que os pequenos ignoravam. O mestre queria se lembrar de mais doenças da Europa e a memória falhava.

– Sou intransigentíssimo. Em matéria de educação sou! Ouviram-se? Sou formado pela literatura clássica, conheço Aristóteles e Tomás de Aquino. Amanhã trazer-vos-ei a Suma Teológica e lerei alguns capítulos para que a vossa ignorância se esclareça! Vocês... Vós não podeis conhecer a Lógica Formal! Não podeis jamais discernir o que significa uma premissa! Depois o estilo Vieira, dum Bernardes, dum Sá de Miranda. E este monumento imortal de filologia!

Os meninos olhavam o mestre com um frio de medo. Esmoreciam no trabalho, na tarefa de escalar pelo menos ao meio daquela sabedoria, aquela virtude e aquela intransigência. Eutanázio ficava preso a um vago terror daqueles óculos gramaticais do mestre que apontava para o livro:

– Este dicionário de Moraes...

Eutanázio tentava desenhar em casa umas caricaturas medonhas do professor Sócrates de Aquino e Assis. E quando viu o retrato do mestre no jornal por motivo de aniversário, pois o mestre era, além de professor, orador de várias sociedades beneficentes e recreativas, sócio da Associação dos Charadistas e crítico teatral, Eutanázio teve o cuidado de

cortar-lhe os bigodes pontudos, de furar-lhe os olhos, depois tirar-lhe a cabeça e enterrar num formigueiro atrás da casa, ao pé de um abacateiro. Sentia uma grande alegria ao imaginar que o formigueiro pudesse devorar a cabeça do mestre que lia o Dicionário de Moraes diante dos alunos (Jurandir, 2019, p. 49-50, *grifo do autor*).

A educação em Cachoeira era representada por esse professor que causava medo e raiva nos alunos. Ele derramava sua verbosidade densa em cima dos alunos e queria que eles, naquele lugar, sem a mínima condição material e psicológica conseguissem ser pequenos mestres. Ele mesmo, o professor, já dizia que os alunos “Vós não podeis conhecer a Lógica Formal! Não podeis jamais discernir o que significa uma premissa!” Ora, ele já ensinava negando o conhecimento e afirmando uma certa incapacidade dos alunos. Em detrimento disso, a fotografia dele foi esvaquiada pelo personagem Eutanázio. Um professor dessa natureza só podia causar muitos sentimentos ruins nos alunos. O medo, a raiva e outros sentimentos que sentiam as crianças pelo professor atesta a vida trágica das crianças na escola. Lá, elas não iam para aprender e sim para criar sentimentos negativos em seu íntimo. Eram crianças, totalmente, esmagadas psicologicamente por aquele professor. Com seus íntimos totalmente esvaquiados por uma educação de péssima qualidade e que em nada.

Outro aspecto cultural presente nessa obra são os termos regionais falados pelas personagens. Termos que vão desde a denominação dos objetos, usos, costumes, ações, elementos da paisagem, caracterização das personagens, etc.

É a valorização da linguagem falada pelo povo do Marajó. É um falar que substancializa toda cultura vivida naquele lugar. É algo que caracteriza o próprio ser amazônida, porque essa linguagem está no seu jeito de ser e pensar, na sua maneira de se comunicar, de resolver os problemas e de se movimentar naqueles espaços de Cachoeira. No trecho abaixo do romance, observamos alguns vocábulos regionais e um outro processo de cura da garganta de forma caseira.

D. Amélia não tinha jeito de estar negando e a pobreza de junto do chalé comia nem que fosse para tapar um buraco do dente. D. Amélia tinha uma especialidade consigo: sabia curar bem uma garganta. Metia o dedo enrolado de algodão, ensopado de mel e limão assado na goela dos meninos e acaba a inchação e a dor. Tinha um dedo benzido. D. Amélia atendia os moleques pelas barracas próximas que pitiavam a peixe e a poeira, onde os quatinhos lançavam um bafo crônico de febre. Eram

amarelinhos, barrigudinhos, pedinchões. D. Amélia dava purgantes, sobras de pano, concelhos, carões e comidas. Mas não podia acabar com a pobreza. Major dizia: Te convence duma verdade. Quanto mais tu deres mais querem. Te convence disso. Gente mais incorrigível do que essa nunca vi. – Os pequenos sabiam comer traíra inteira com espinha saindo pelos cantos da boca. Pirongós de farinha, cuiadas de chibé, terra, sabão, tabaco. Comiam a se fartar, quando havia, com uma fome crônica, tendo ataques de vermes, cabeludos e viciados. (Jurandir, 2018, p. 116-117)

Aqui vemos goela, pitiavam, cuiadas e chibé, termos regionais que ele integra à fala das personagens. Além desses, o romance tem muito mais ao longo seus capítulos. É forma de falar do paraense dessa parte da Amazônia. Esses termos regionais são incorporados à tessitura do romance que aos poucos vão significando elementos que fazem parte da cultura. Muitos são os aspectos culturais nesse romance. Felícia era uma desses personagens que quando descrita está envolta em um ambiente totalmente regional.

Felícia. Viu Felícia menina brincando de roda com os meninos de Cícero Câmara. Corria pelos campos atrás de murici, de pegar passarinho, apanhando pixuna e empurrando montaria à vara no tempo de enchente na vila de baixo. Sob a chuva pegava os pintos de sua mãe com paneiro enxotava o porco da cozinha, tomava banho. Os joelhos sempre tuíras, as mãos cheias de golpes. Nem sinal de seios e os homens com cambadas de peixe, com garrafas nos ombros, com paneiros nas cabeças, remando nas montarias, passavam por ela indiferente. (Jurandir, 2019, p.113)

Aí estão alguns objetos que pertencem ao mundo cultural de Cachoeira. Vemos pixuna, paneiro, joelho tuíra, cambadas de peixes, montarias. Era um mundo cultural cheio de amazoneidades.

3 PENSAMENTO E PAISAGEM AMAZÔNICOS NUMA SÓ LINGUAGEM

A poética é a parte da literatura que conceitua como o belo se estabelece no texto poético. Esse belo deve atrair, encantar e enfeitiçar o leitor. Muitos autores procuraram, em sua escrita, manifestar esse belo. No caso de Dalcídio Jurandir, esse belo está diretamente ligado à verdade da Amazônia. O cenário que ele descreve é muito inóspito. É realmente repugnante. E não há no coração das

personagens nenhuma esperança. Ninguém é feliz. E as doenças maltratam o corpo e a alma. É um romance de expiação. Todas as mazelas são expostas. Todas as dores vêm à tona. E o povo no meio daquele mundo não consegue entender o que veio fazer nessa dimensão. O romance todo é um aflorar de sentimentos internos. Um verdadeiro solilóquio. As personagens estão sempre pensando sobre sua vida e a vida de Cachoeira. O narrador vive colocando para fora tudo que se passa no íntimo das personagens. É um verdadeiro confessor. Há um certo psicologismo, porque é relatado o que acontece na realidade externa e interna. As personagens são de uma forma ou de outra praticamente redondas. Se conhece quase tudo delas, por causa desses momentos de solidão quando eles introspectam.

Envolvida em isolamento e mistério, a Amazônia foi construindo um sistema de vida e trabalho ribeirinho e extrativista integrado por pescadores, coletadores de castanhas, mateiros, extratores de seringas, de peles, de couros, de resinas de árvores, de ouro e de diamantes. Acrescenta-se a eles os lavradores, os seringueiros, os vaqueiros e fazendeiros, os comerciantes, os empresários, os biscateiros e os artesões das mais diversas categorias que vivem em função de produtos da floresta e do rio. Uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou, poeticamente, o imaginário destes indivíduos isolados e dispersos a margem dos rios. (Loureiro, 2001, p.37-38)

Essa obra pertence ao estilo modernista. Os protagonistas são homens comuns da Amazônia e não operam nenhuma façanha ou feito heroico. Não é relatado nenhum ato grandioso. Mas é esboçada a vida que o povo leva nessa região. O narrador ora relata a realidade externa pintando um cenário onde o homem não domina a natureza, ora expõe o íntimo das personagens mergulhando na profunda tristeza que habita o coração e mente de todos eles. Parece, na verdade, um filme psicológico. As vidas das personagens são ligadas as outras pela desgraça.

Chove nos campos de cachoeira é uma expressão que pode significar uma imagem característica da paisagem amazônica mesmo que seja performática, mas tem que ser aquela chuva que cai para refrescar a terra e o ambiente.

Chove nos Campos de Cachoeira é o grande anseio que a terra seca tem pela água. Alfredo pensa assim: “Os campos se queimam, mas em janeiro as grandes chuvas lavam a marca do fogo. Os campos ficam verdes e se deixam

depois ficar dentro d'água e os mururés florescem entre os peixes” (JURANDIR, 2019, p. 26-27)

Chove nos campos de Cachoeira pode ser um lamento pela necessidade do povo querer alívio, se livrar das dores, lavar alma é experimentar uma leveza, tranquilidade, quietude, beleza, fruição dos sentimentos. Externar um desejo ou mesmo um lamento está ligado ao querer que aquilo aconteça. Eu quero que o meu desejo aconteça ou lamento porque aquilo não aconteceu ainda.

A chuva que parecia algo refrescante muitas vezes vinha para arrasar Cachoeira. Era muitas vezes tão intensa, tão forte que, invés de refrescar a terra, molhar a cidade e as plantas matando a sede da vegetação ia invadindo a Cachoeira fazendo estragos.

Quando chove, Cachoeira fica encharcada. Os campos de Cachoeira vinham de longe olhar as casas de vila à beira do rio, com desejo de partir com aquelas águas. Quando chovia, mesmo verão, as chuvas eram grandes e os campos ficavam alagados. (Jurandir, 2019, p.32)

A paisagem amazônica retratada na obra mostra um cenário onde as personagens se movimentam para viver suas infelicidades. Uma das primeiras imagens que aparece é a dos campos queimados para usar a terra para plantações, criação de gado ou outro empreendimento qualquer naquele lugar. Nesse lugar tudo parecia escuro. Essa escuridão dos campos se transmutava para a vida das pessoas e nelas se metaforizava em tristezas, doenças e infelicidades, principalmente na vida amorosa.

Há uma inquietação em Alfredo, uma das personagens, quando adentra os campos queimados. Ele se questionava: porque aqueles campos não eram floridos para colorir a paisagem? Passear entre as flores poderia ser um momento onde a alegria e paz espiritual poderiam invadir a sua alma. Porque não era um lugar onde pudesse passear e admirar os pássaros? Alfredo só via a grande escuridão naqueles campos queimados. O fogo que provocara aquelas queimadas era devastador e quente. Não havia nele nada que se aproveitasse. Pelo contrário, o fogo deixava a paisagem e alma escura, sem vida, sem graça, sem ânimo, e sem entusiasmo. Era uma paisagem que provocava tristeza em Alfredo.

Lá em Cachoeira, lugarejo onde morava Alfredo, apesar do rio, as casas sempre tinham um poço. O poço era uma construção obrigatória nesse lugar.

Apesar de ele representar a necessidade que os moradores tinham em utilizar a água, ele, o poço, também representava a morte. D. Amélia mãe de Alfredo uma vez o salvou de morrer afogado no poço. Esse fato é relatado assim:

D. Amélia lavava umas camisas e Alfredo, que brincava tentando fazer figurinhas de barro, junto a tina de roupa, escorregou para dentro do poço. Acontecera isso em Araquiçaua. D. Amélia não deu um grito. Saltou, e foi buscar Alfredo no fundo do poço que era raso. Salvava o filho, e daí em diante parecia mais dela, saindo não somente de sua carne como de seu ressentimento, que ela sempre guardará consigo mesma a respeito do outro filho que morrera afogado. (Jurandir, 2019, p. 24)

A morte sempre ronda a vida dos moradores de Cachoeira e o poço, embora tenha grande utilidade, representa a vida e a morte. Além disso, o poço da paisagem amazônica também incorpora muitos sentidos na narrativa. A “fundura” do poço, o imenso vazio, tudo isso invade as almas dos moradores, principalmente quando se movimentam pelos campos queimados ou por outras paragens daquele lugar.

Podemos ainda pensar no poço como limite de todas as esperanças e desejos. Quando se chega ao fundo de lá não se pode passar. Todo poço tem fundo. Todo poço representa o limite das vidas dos cachoeirenses. Não se pode passar além do poço. Ele mata a sede, proporcionando a vida, mas, também pode ceifá-la. É uma ambiguidade, é um dualismo ao qual os moradores daquele lugar estão expostos.

No caso de Alfredo, quando caiu no poço, teve a vida poupada por causa da ação de sua mãe em resgatá-lo, imediatamente, porque um outro filho de dona Amélia já morrera afogado num poço e ela não queira ser mãe de filhos afogados. Pessoas afogadas fazem parte do cenário amazônico daquele lugar.

Outro elemento da paisagem amazônica presente na obra de Dalcídio Jurandir é o passarinho, melhor dizendo são os passarinhos que revoam sobre Cachoeira. Pássaros sempre estão rodeando as personagens, soltando seus cantos e fazendo mil piruetas. Vão, às vezes, de árvore em árvores, procurando abrigo e alimentação. Param, às vezes, como se tivessem analisando a natureza, as condições físicas naquele lugar.

Os pássaros voam por toda obra de Dalcídio Jurandir. Estão nos campos, nas árvores, nos barracos, à beira do rio, sobrevoando os barcos, na amplidão dos céus, nas imensidões da floresta, em cima dos telhados, na beira dos alagados. Andando

e voando pelas plantações. Em todos os lugares de Cachoeira eles estão presentes, tornando-se elementos muito fortes de toda essa paisagem amazônica.

As casas de Cachoeira são barracos de madeira cobertos de palha muitas vezes mal cobertos e mal construídos. Não ofereciam segurança para os moradores. Qualquer temporal ou vendaval ameaçava a construção dos barracos e muitas famílias se sentiam inseguras, porque sentiam que suas casas poderiam desabar a qualquer momento. Isso causava grande tristeza nos moradores daquela terra. E é essa tristeza que é relatada, ressaltada, destacada e invade também a paisagem amazônica. Daí um dos motivos de sua tragicidade.

A miséria que sempre assolou Cachoeira era outro elemento da paisagem amazônica. Muitos ribeirinhos vivem na mais completa pobreza sem as condições mínimas de vida. Não tinham assistência de saúde, social, educação, de emprego e renda, de moradia. Não tinham a quem apelar. Era uma vivência sem rumo, sem destino, sem direção. Era viver só por viver. Apenas seguiam a boiada. Viviam só por viver. No trecho abaixo, o narrador descreve a miséria psicológica dos ribeirinhos marajoaras. Relata o que se passa no pensamento de uma das personagens, no caso Eutanázio, sobre a vida que ele levava em Cachoeira:

No meio dos sonhos mortos, dos desejos extintos, das esperanças abortadas, haverá algum tímido desejo palpitando, algum sonho, alguma esperança com sinal de vida. O certo é que os desejos apodreceram e por medo da contaminação era melhor deixar tudo enterrado para acabar mais depressa. Porque, enfim, os que ainda mostrassem sinais de vida, tarde ou cedo morreriam inevitavelmente. Sim, sim, foi melhor contemplar os esqueletos contorcidos no desespero da impossível sobrevivência. Eutanázio criara os monstros que o devoravam, lentamente. Rompiam-se no seu silêncio de dores fundas, meias dores monótonas pingando das horas. Pequenos ódios, remorso de não odiar como devia, de não maltratar como é preciso. Ter assim um desprezo de si mesmo. (Jurandir, 2019, p. 41)

Havia sempre esse vazio existencial na alma de cada um deles. “Chove nos campos de cachoeira” é do início ao fim um lamento pela vida que todos eles, os moradores, levavam naquele lugar. O íntimo de cada um deles eram sempre destruídos pela realidade que viviam. Os sonhos, os anseios, os desejos de vida diferente não cabiam dentro deles. Não havia como plantar uma semente de esperança ou uma luz no fim do túnel. Amazônia desgraçada, despedaçada,

queimada, alagada, desesperançosa, doente, praticamente morta, apenas com fios de vida que podiam ser arrebatados a qualquer hora.

Depois de todos esses elementos da paisagem amazônica como seria a poética da Amazônia? Como a poesia se comportaria nesse romance? Como caberia poesia nesse romance cheio de tragédias? Como a poesia poderia emanar de dentro dele? Então, quem sabe a poesia poderia injetar esperanças na alma das criaturas de Cachoeira. Sim, é possível que sim ou não. Porém é a metapoesia que agora vamos destacar.

Ouve um grito de moleque, um pássaro noturno voa na sua frente, um latido, vozes indistintas. A casa de seu Cristóvão se aproximando se aproxima. Mas o problema dos charutos? Não sabe por que lhe vem agora de novo a compreensão de quanto lhe é bem trágica a sua incapacidade para a sua poesia. A natureza é má, sádica, imoral. Dava a uns uma excessiva capacidade poética e a ele deu a tragédia de guardar um material bruto de poesia e não poder conquistar um pensamento poético nem a linguagem poética. Tinha a substância poética mas enterrada no que havia de mais profundo e inviolável de sua inquietação. Era como um homem mudo. Um cachorro tem a expressão poética muitas vezes nos olhos, Ele não tem senão nas infinitas profundidades de sua consciência, do caos que rola dentro de si. Tinha dentro de si uns trágicos motivos para merecer o dom da poesia. Dentro dele se agitava um caos e só a poesia daria ordem a esse caos. (Jurandir, 2019, p. 56)

A natureza trágica da Amazônia mostra como é difícil despertar a poesia a partir dela. Mas a poética existe. E Dalcídio mesmo olhando essa quase impossibilidade literária se arrisca na aventura de chover nos campos de Cachoeira. O chover tem um sentido poético. A chuva é a própria poesia. A chuva quando é intensa derrama água. A poesia quando é intensa transpassa o pensamento, a voz, as almas e os corações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Chove nos Campos de Cachoeira” é uma leitura densa que chove em nós a piedade que se manifesta quando estamos lendo as histórias de cada personagem, de cada episódio, de cada situação em que eles são envolvidos. Ao adentrarmos no romance sentimos que a Amazônia não é nada verde e nem é o Eldorado cantado

e festejado por outros escritores que aqui estiveram e tiveram a coragem de percorrer esses mundos imensos amazônicos.

Vemos, ao avançar na leitura do romance a *Amazônia Psicológica*. É descrito todos os referentes sobre essa região tão misteriosa, com tantas facetas, com tantas histórias, com tantos acontecimentos e com tantas coisas que não conseguimos entender, porque para entender é necessário adentrar na alma dela, em seu cerne, em sua intimidade.

Por que *Amazônia psicológica*? Porque Dalcídio Jurandir fala de uma *Amazônia* que é construída de dentro para fora das personagens. Essa *Amazônia* é primeiramente refletida no íntimo de cada um que habita nessa região. Ela é formada através dos muitos pensamentos, reflexões e longas horas de meditação sobre a vida, sobre os acontecimentos, sobre as doenças, sobre as relações familiares, sobre a vida que todos levavam em Cachoeira.

De dentro das personagens a *Amazônia* vai sendo desenhada. É o lugar de pessoas doentes, infelizes, mal-amadas, prostituídas, iludidas, cheias de amarguras. O amargo sabor das chuvas vai temperando o paladar das vidas e em vez de provocar refrescância vai alagando lugar, vai invadindo casas e corações. Vai destruindo tudo que vê pela frente. Não deixa nada no lugar. Leva as almas, em vez de purificá-las.

Isso tudo acontece, porque Dalcídio Jurandir sabe trabalhar a linguagem de maneira que a oralidade é incorporada a sua linguagem literária constituindo uma verdadeira poética da *Amazônia trágica*. Não são as palavras em si que constituem a literariedade da obra e sim a composição dos fatos misturados a uma sintaxe que reverbera angústia, sofrimento, agonia, desespero, tragicidade, morte e final das esperanças.

A linguagem permite a recriação da realidade como imaginária. Facticidade e imaginação se confundem. E a linguagem poética há uma dinâmica própria, as imagens se confundem com a musicalidade enquanto leitura. A temporalidade do relógio e do calendário gera uma estrutura simbólica da “comunidade imaginada” que funciona como o enredo de um romance realista. Enquanto o tempo de intersecção, o psicológico irrompe e questiona esta estrutura simbólica e dá voz a “instabilidade oculta” do discurso dominante da história. O tropo da narrativa dalcidiana não é nem a ideia do realismo e do social nem o regional-folclórico do Norte, é expansivo, é universal. (Gonçalves, 2019, p. 12)

“Chove nos Campos de Cachoeira” traz para nós uma Amazônia que clama por ausência de muitas coisas. Ausência de educação, ausência de saúde, ausência de saneamento básico, mas principalmente a ausência de esperança no olhar de cada um de seus personagens. E nisso a poética da Amazônia foi instaurada.

5 REFERÊNCIAS

FREIRE, José Alonso Torres. **Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 235 páginas, 2006.

GONÇALVES, Krisna Barros. **Amazônia: duas visões, dois mundos**: um estudo dos espaços amazônicos nas obras “Cinzas do Norte” de Milton Hatoum e “Chove nos Campos de Cachoeira” de Dalcídio Jurandir. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, 22 páginas, 2009.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de cachoeira**. 8ª ed. Bragança-Pa: Pará.grafo Editora, 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônia**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.